

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
SETOR DE EDUCAÇÃO

CONTANDO A VIDA ATRAVÉS DA FANTASIA

CURITIBA - PARANÁ
DEZEMBRO - 1996

SIMONE MARQUEZINI
SOLANGE STELFFEN
VERA LÚCIA DA COSTA

CONTANDO A VIDA ATRAVÉS DA FANTASIA

Monografia apresentada para a obtenção
do título de Especialista para Educadores
de Jovens e Adultos da UFPR e Seed/
Desu - Curitiba.

Professora Orientadora: Glaucia da Silva Brito.

CURITIBA - PARANÁ
DEZEMBRO - 1996

SUMÁRIO

JUSTIFICATIVA.....	1
INTRODUÇÃO.....	2
OBJETIVOS GERAIS E ESPECÍFICOS.....	4
CONTEÚDO PROGRAMÁTICO.....	5
BIBLIOGRAFIA BÁSICA	5
ATIVIDADES E TAREFAS	6
LENDAS.....	6
<i>O QUE SÃO LENDAS?</i>	6
<i>CARACTERÍSTICAS DA LENDA</i>	7
<i>TIPOS DE LENDA</i>	8
ATIVIDADE PRESENCIAL.....	15
CONCLUSÃO.....	17
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	18

JUSTIFICATIVA

Resgatar a memória da humanidade, faz com que descubramos que somos parte de um povo que tem uma história, e que esta foi construída por pessoas comuns que tem jeito próprio de pensar e explicar o que acontece ao seu redor, desde as mais simples até as mais complexas. Um povo sem memória perde a própria identidade, desconhece suas raízes.

É preciso pesquisar, nos livros, nas bibliotecas, através de pessoas da comunidade que podem contribuir de alguma forma, principalmente com histórias populares, contadas para explicar os fatos de forma não científica, mas através do fantástico, do maravilhoso. conhecendo estas histórias conheceremos as idéias que povoam e povoaram as mentes das pessoas. Ao mesmo tempo estaremos trabalhando com o texto narrativo, uma das formas de produção oral e escrita de nossa língua e estimulando a criatividade e a produção textual de nossos alunos.

INTRODUÇÃO

Eu, você, todos os seres que compõem a chamada humanidade têm grande necessidade de encontrar explicações para tudo que os cercam.

Essa busca de explicação para as coisas que acontecem no mundo torna possível o surgimento de muitas narrativas: histórias contadas que valem muito porque enchem de sentido as coisas mais simples e que fogem ao entendimento das pessoas comuns.

Todos nós precisamos produzir saberes e estas histórias fazem parte do conhecimento produzido por homens simples e sonhadores, capazes de criar, imaginar um mundo fantástico. Elas mostram a sabedoria popular e a identidade das civilizações.

A lenda não tem pretensão de ser verdade, mas pode ser confundida com ela. Há uma relação direta entre as coisas citadas nas lendas — o grão de areia e a estrela-do-mar. É a verdade mágica da vida e seus fenômenos.

Toda esta unidade de trabalho estará dirigida a este tipo especial de narrativa: a lenda.

Muitas coisas no universo são explicadas pelas lendas: fenômenos naturais, animais, vegetais e até seres humanos como: heróis nacionais. Muitas cidades explicam seu surgimento e fundação através destas histórias. Quem nunca ouviu falar de Atlântida ou Eldorado? Tudo que conhecemos sobre estas cidades é lendário. No sertão nordestino brasileiro quantas histórias são passadas de geração em geração. Quem ousaria dizer que essas histórias não são verdadeiras.

Todos os povos constroem suas lendas, por isso elas surgem em todos os lugares e em qualquer época. Houve porém períodos mais férteis, onde elas brotaram com maior

facilidade. A idade média, por exemplo, foi uma grande produtora de lendas. A lenda representa uma relação direta do momento histórico e do povo que a criou; portanto, abrem verdadeiros caminhos para visitarmos o imaginário, e os fatos culturais de uma civilização. Através dela passamos a conhecer o modo de pensar de cada povo num dado momento de sua evolução.

Podemos concluir então que as lendas são narrativas que desvendam a história do tempo.

OBJETIVOS GERAIS E ESPECÍFICOS

Aqui, você saberá o que esperamos que você aprenda com esta unidade. As histórias que você vai ler, são chamadas lendas porque contam como as pessoas imaginavam que as coisas, pessoas, plantas, minerais, rios e outros apareciam sobre a face da terra. Através destas lendas queremos que você compreenda como as pessoas pensam, o que imaginam.

Com as histórias lidas e tarefas propostas esperamos que você procure em diversos livros, assista a filmes, converse com as pessoas de sua comunidade para conhecer outras lendas além destas que estão contidas neste manual.

Este estudo que você fará, mostrará também a como montar e desmontar um texto narrativo. Tudo o que deve ter num texto narrativo.

Você através dos exemplos lidos deverá produzir o seu texto para que ele tenha as mesmas características da lenda e do texto narrativo.

CONTEÚDO PROGRAMÁTICO

1 Lendas

1.1 O que são lendas

1.2 Características de uma lenda

1.3 Tipos de lendas

1.4 Estudo de lendas

1.5 Produção de texto (paródia)

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

Caro aluno para tornar mais proveitoso seu estudo apresentamos a você alguns livros e filmes que você poderá ler e assistir.

Literatura e Redação - Irene A. Machado.

Dicionário da Língua Portuguesa.

Livros didáticos de 7ª e 8ª séries.

Filmes: Robim Hood, Iracema.

Livros: Iracema - José de Alencar.

ATIVIDADES E TAREFAS

Agora você trabalhará com a lenda propriamente dita, através da leitura de algumas e exercícios de compreensão e interpretação textual.

LENDAS

O QUE SÃO LENDAS?

Nome que se dá a histórias inventadas para explicar coisas e fenômenos do mundo, de modo simples.

Leia este texto, que exemplifica o que foi dito acima:

ESTRELA DO MAR

Um pequenino grão de areia,
que era um pobre sonhador,
olhando o céu, viu uma estrela,
imaginou coisas de amor.
Passaram anos, muitos anos,
ela no céu e ele no mar,
dizem que nunca o pobrezinho
pôde com ela se encontrar.
Se houve ou se não houve
alguma coisa entre os dois,
ninguém soube até hoje explicar.
O que há de verdade
é que depois, muito depois
apareceu a estrela do mar.

Marino Pinto e Paulo Soledade.

A lenda acima conta-nos como surgiu a estrela-do-mar de forma simples, através da imaginação e da fantasia, mostrando um mundo onde as coisas acontecem de forma mágica.

Esse modo de explicar acaba sendo um exemplo que não tem pretensão de ser verdade absoluta, mas também não chega a ser um absurdo. Há relações diretas entre as coisas, no caso, o grão de areia e a estrela-do-mar, mesmo que o encontro deles seja meio mágico. É exatamente esse tipo de história, que apresenta uma explicação, um exemplo que caracteriza esse tipo de texto que vamos estudar: a lenda.

CARACTERÍSTICAS DA LENDA

- a) A lenda é um texto narrativo. Texto narrativo é aquele que conta uma história, um fato que já aconteceu. Este texto tem personagens, o lugar onde acontece a história, mesmo que você não possa dizer exatamente onde é esse lugar, um tempo para o acontecimento e o fato em si;
- b) a lenda oferece explicações fantásticas sobre os fatos mais variados. Fantástico é tudo o que não temos como comprovar pelas descobertas científicas, aquilo que nos parece mágico, maravilhoso.
- c) apresenta seres humanos como protagonistas, e muitas vezes animais e vegetais, só que agem como se fossem humanos. Protagonista é o personagem de uma história, geralmente o que faz o papel que agrada ao leitor. Em contrapartida temos o antagonista que é o que faz a função do mau;
- d) apresenta intervenção de elementos imaginativos;

- e) seus fatos tem vínculo com o real;
- f) aproxima-se mais da história que da invenção;
- g) é a crença religiosa, mítica, contra a razão científica;
- h) apresenta a simbologia tão viva quanto a clareza dos fatos.

TIPOS DE LENDA

Lenda sobrenatural

São histórias ligadas ao extraordinário, onde aparecem personagens excepcionais, que realizam atos de bravura para promover o bem estar do grupo.

Beowulf e o Dragão, é uma lenda que nos exemplificará este tipo de narrativa, o herói livrou o povo dinamarquês de dragões assassinos.

BEOWULF E O DRAGÃO

Havia um rei dinamarquês que era valente na guerra e sábio nos tempos de paz. Vivia num castelo esplêndido. Recebia muitos convites e dava festas maravilhosas. Mas tudo isso era bom demais para durar eternamente.

Um dia, no final de uma festa, todos ouviram um ruído estranho. Era o dragão Grandel, que saída do lago e entrara no castelo. Engoliu o primeiro homem que encontrou e gostou tanto do sangue humano que atacou muitos outros. Deixou um rastro vermelho como marca de sua passagem.

Desse dia em diante, a vida no castelo mudou completamente: o terrível Grandel aparecia todas as noites, matava os homens, bebendo seu sangue, e carregava o corpo para o lago. Nem mesmo os guerreiros mais fortes conseguiam vencê-lo, e o castelo acabou sendo abandonado.

Depois de doze anos, esta história chegou aos ouvidos de Beowulf, um cavaleiro jovem e corajoso, capaz de vencer trinta homens ao mesmo tempo. Quando soube da desgraça que tinha se abatido sobre os súditos do rei dinamarquês, ficou comovido e não pensou duas vezes. Escolheu catorze combatentes e partiu para a Dinamarca.

— Quem é você? — perguntou-lhe o rei.

— Sou Beowulf, viemos libertá-lo do terrível Grandel.

O rei sentiu o coração encher-se de esperança. Deu uma grande festa. Enquanto todos celebravam, um estranho assobio atravessou o castelo. As portas de ferro caíram por terra e o terrível Grandel entrou pela sala.

Os olhos brilhavam, a boca cuspiu fogo e as garras eram espadas que rasgavam o chão. Mas antes que ele conseguisse engolir um guerreiro, sentiu uma dor insuportável.

Beowulf havia se lançado na direção do dragão e apertava sua garganta com uma força igual à de trinta homens. Grandel se retorceu, urrou, mas não conseguiu se soltar. Foi empurrado por Beowulf até o lago e morreu.

O rei agradeceu ao herói e a vida voltou para o castelo. Mas no fundo do lago, uma velha feiticeira, a mãe de Grandel, resolveu vingar a morte de seu filho. Penetrou na grande sala do castelo e aprisionou o conselheiro do rei.

— Caro Beowulf, disse o rei, preciso novamente de sua ajuda.

Nesse mesmo dia, Beowulf e o rei montaram o cavalo e foram até o lago. Boiando sobre as águas, estava a cabeça ensangüentada do conselheiro.

Beowulf mergulhou imediatamente, até que chegou no antro dos monstros. Viu uma mulher horrorosa sentada em cima de ossadas humanas. Era a mãe de Grandel. A bruxa se atirou sobre ele. Beowulf foi mais rápido. Sua espada cortou a garganta da velha. Mas ela continuou a atacá-lo. Nisso, o cavaleiro avistou uma espada gigantesca. Agarrou-a e arrancou a cabeça da velha. Foi só então que ele viu, ao lado, o corpo monstruoso de Grandel. Beowulf também lhe cortou a cabeça e carregou-a até a superfície.

Mas depois que Beowulf libertou a Dinamarca desse monstro sinistro, sentou muitas saudades de seu próprio país. Seu tio havia acabado de morrer. E como ele era o único herdeiro, foi coroado rei. Governou durante cinquenta anos com sabedoria e justiça.

Foi quando novamente recebeu notícias de que um dragão incendiava a Dinamarca. Não perdeu tempo. Convocou sua tropa e viajou para enfrentar o monstro.

O animal o esperava. De sua garganta saíam chamas envenenadas e uma fumaça verde. Os cavaleiros apavoravam-se e fugiram. Beowulf viu-se só diante do monstro. Mas havia alguém a seu lado: Wiglaf, o mais jovem dos homens de sua tropa.

Esquecendo-se da espada, Beowulf atacou o dragão com tanta força que nem parecia que havia envelhecido. O monstro grunhiu e o sangue escorreu do ferimento de sua garganta. Mesmo assim Beowulf foi atingi-lo com o golpe mortal e percebeu que sua espada havia se partido ao meio. Estava condenado. Então ouviu uma voz:

— Estou a seu lado, meu rei.

Era Wiglaf, que imediatamente atacou o dragão, ferindo-o mortalmente. O dragão estendeu a pata e atingiu o rei com suas garras venenosas. Beowulf sentiu o veneno penetrar nas profundezas de seu corpo. Antes que a vida o deixasse, disse:

— Eu te nomeio rei, fiel Wiglaf. E como prova disso, aqui está o meu anel.

Estas foram as últimas palavras do célebre matador de dragões, Beowulf. Ele morreu tranqüilo, porque sabia que seu sucessor era o mais corajoso de todos os homens. O melhor de todos os guerreiros. E que reinaria com justiça, trazendo felicidade a seu povo.

EXERCÍCIOS PROPOSTOS:

Estudo do texto

Leia a lenda apresentada e a seguir responda em seu caderno:

a) Como você pode caracterizar a figura do herói na lenda onde ele aparece?

b) Em que medida Beowulf é um herói diferente dos princípios que viciam dragões nos contos de fadas?

Lenda histórica

Contam a origem lendária de países e civilizações como essa que você vai ler agora e que conta sobre a fundação de Roma, o Centro do Império na antiguidade.

RÔMULO E REMO

Silvio Procas, duodécimo rei de Alba-a-Longa, ao morrer, deixou dois filhos. O mais moço, Amulio, apoderou-se do trono em prejuízo de Numitor, seu irmão mais velho. Para garantir o reinado de seus descendentes, matou Lauso, filho de Numitor, numa caçada, e obrigou sua sobrinha, Rea Sílvia, a fazer um voto de castidade.

Contudo, o deus Marte tornou Rea Sílvia mãe de dois gêmeos, Rômulo e Remo. Quando Amulio soube disso, prendeu a vestal e mandou colocar os dois recém-nascidos numa certa para que fossem lançados no rio Tibre.

As águas do rio secaram imediatamente e as crianças ficaram abandonadas num local selvagem. Uma loba que acabara de perder seus filhos ouviu os vagidos de Rômulo e Remo e lhes deu de mamar com todo cuidado de mãe.

Um pastor da vizinhança chamado Faustolo, ao perceber as idas e vindas da loba, seguiu-a e descobriu as crianças, levando-as para sua cabana, onde sua mulher os criou.

Os dois irmãos cresceram entre os pastores, percorrendo bosques e montanhas, entregando-se à caça e lutando com ladrões de gado. Ora, um dia Remo foi capturado e levado à presença do rei Amulio, acusado de devastar os rebanhos de Numitor.

Amulio mandou o prisioneiro para Numitor, que hesitou em matá-lo por achá-lo muito parecido com sua filha Rea Sílvia.

Pouco tempo depois, Rômulo e Remo fundaram uma cidade no local onde haviam sido descobertos pelo pastor, traçando sulcos que marcavam seus limites. Rômulo

proibiu solenemente a transposição dessas muralhas. Remo zombou da proibição e saltou por cima do fosso. Rômulo, furioso, matou-o imediatamente.

Assassino de seu irmão, mas ambicioso em seus projetos, Rômulo começou a povoar a cidade com pastores, bandidos, escravos fugitivos e aventureiros. Como não havia mulheres, Rômulo fez anunciar uma grande festa com jogos extraordinários. Os sabinos dirigiram-se para lá com suas mulheres e filhos. Durante a festa, os companheiros de Rômulo raptaram as sabinas. Depois de muita luta, as sabinas concordaram em viver em paz com os romanos. Tácio, rei dos sabinos, dividiu o trono com Rômulo.

Adaptação de Irene A. Machado

Esse tipo de lenda acaba valendo como explicação histórica.

EXERCÍCIOS PROPOSTOS

Estudo do texto

Após a leitura da lenda Rômulo e Remo responda em seu caderno:

a) Você conhece alguma lenda que deu origem a um país ou civilização, como essa que você acabou de ler? Cite o nome e explique.

b) Faça comparação entre Beowulff e Rômulo, considerando os motivos de seus atos heróicos.

Lenda naturalista

Reúne as lendas que explicam os fenômenos naturais, como: os astros, o tempo, aspectos geográficos e da vegetação, montanha, vulcão, bem como o surgimento da Terra.

Esse tipo desenvolveu-se plenamente na cultura popular onde se narra, de modo imaginoso, a origem dos seres e das coisas.

Uma lenda curiosa nesse sentido, é a lenda indígena que narra o surgimento da vitória-régia.

A VITÓRIA RÉGIA

A enorme folha boiava nas águas do rio. Era tão grande que, se quisesse, o curumim que a contemplava poderia fazer dela um barco. Ele era miudinho, nascera numa noite de grande temporal. A primeira luz que seus pequeninos olhos contemplaram foi o clarão azul de um forte raio, aquele que derrubara a grande seringueira, cujo tronco dilacerado até hoje ainda lá estava.

“Se alguém deve cortá-la, então será meu filho, que nasceu hoje”, falou o cacique ao vê-la tombada depois da procela. “Ele será forte e veloz como o raio, e como este, deverá cortá-la para fazer o ubá com que lutará e vencerá a torrente dos grandes rios...”

Talvez, por isso, aquele curumim tão pequenino já se sentisse tão corajoso e capaz de enfrentar sozinho, os perigos da selva amazônica. Ele caminhava horas, ao léu, cortando cipós, caçando pequenos mamíferos e aves; porém, até hoje, nos seus sete anos, ainda não enfrentara a torrente do grande rio, que agora contemplava.

Observando bem aquelas grandes folhas, imaginou navegar sobre uma delas, e não perdeu tempo. Pisou com muito cuidado — os índios são sempre muito cautelosos — e, sentindo que ela suportava o seu peso, sentou-se devagar e, com as mãozinhas, improvisou os remos. Desceu rio abaixo. É verdade que a correnteza favorecia, mas, contudo, por duas vezes quase caiu. Nem por isso se intimidou. Navegou no seu barco vegetal, até chegar a uma pequena enseada onde avistou a mãe e outras índias que, ao sol, acariciavam os curumins quase recém-nascidos, embalando-os com suas canções, que falam da lua, da mãe-d’água, do sol e de certas forças naturais que muito temem.

Saltando em terra, correu para junto da mãe, muito feliz com a façanha que praticara:

— Mãe, tenho o barco. Já posso pescar no grande rio?

— Um barco? Mas aquilo é apenas uma uapê; é uma formosa índia que Tupã transformou em planta.

— Como, Mãe? Então não é o meu barco? Você sempre me disse que um dia haveria de ter meu ubá...

— Meu filho, o teu barco, tu o farás; este é apenas uma folha. É Naia, que se apaixonou pela lua...

— Quem é Naia? — perguntou curioso o indiozinho.

— Vou contar-te... Um dia, uma formosa índia, chamada Naia, apaixonou-se pela lua. Sentia-se atraída por ela e, como quisesse alcançá-la, correu, correu, por vales e montanhas, atrás dela. Porém, quanto mais corria, mais longe e alta ela ficava. Desistiu de alcançá-la e voltou para a taba.

“A lua aparecia e fugia sempre, e Naia cada vez mais a desejava.

“Uma noite, andando pelas matas ao clarão do luar, Naia se aproximou de um lago e viu, nele refletida, a imagem da lua.

“Sentiu-se feliz; julgou poder agora alcançá-la e, atirando-se às águas calmas do lago, afundou.

“Nunca mais ninguém a viu, as Tupã, com pena dela, transformou-a nesta linda planta, que floresce em todas as luas. Entretanto, uapê só abre suas pétalas à noite, para poder abraçar a lua, que se vem refletir na sua aveludada corola.

“Vês? Não queiras, pois, tomá-la para teu barco. Nela irás, por certo, para o fundo das águas.

“Meu filho, se já te sentes bastante forte, toma o machado e vai cortar aquele tronco que foi vencido pelo raio. Ele é teu desde que nasceste. Dele farás o teu ubá e, então, navegarás sem perigo.

“Deixa em paz a grande flor das águas...”

Eis aí, como nasceu, da imaginação fértil e criadora de nossos índios, a história da vitória régia, ou uapê, ou iapunaque-uapê, a maior flor do mundo.

Heloisa Pinto Vieira.

EXERCÍCIOS PROPOSTOS

Estudo do texto

Você, agora já conhece a lenda da vitória régia; portanto responda em seu caderno:

a) Porque o índio não podia usar a folha da planta vitória-régia como barco? Que significado tinha a proibição da mãe?

b) Você se lembra de algum provérbio que se aplique ao tema da lenda Vitória-Régia?

Caro aluno, você acaba de conhecer os tipos de lenda, agora realize as atividades abaixo propostas.

Atividades de construção de cenários ou de objetos

Explique visualmente as lendas. Para isso, junte-se a um amigo, se preferir, para realizar a atividade. Você pode escolher entre:

- a) Construção de barco, ou de um dragão da virtória-régia, dos irmãos amamentados pela loba, o índio ou qualquer outro elemento sugerido pelas lendas lidas.
- b) Desenhe objetos das cenas existentes nas lendas.
- c) Crie uma história em quadrinhos de uma lenda.

Atividade de pesquisa

Procure em enciclopédias, livros específicos lendas típicas de nossa cultura como: Saci-pererê, o lobisomem, a mula-sem-cabeça, o boi-tatá, ou uma das muitas lendas indígenas sobre o milho, amendoim, rios diversos, o diamante. Copie em seu caderno aquela que lhe interessar. Para ficar mais completa você pode fazer uma ilustração.

ATIVIDADE PRESENCIAL

1) Em aula presencial o professor explicará aos alunos sobre lendas:

- conceito;
- características;
- o porquê de estudá-las;
- conversar com os alunos contando outras lendas além das que contém o material e solicitando aos mesmos que contem as que conhecem.

2) Pedir aos alunos que leiam as lendas da unidade, uma a uma, fazendo perguntas orais sobre as mesmas e tirando dúvidas dos alunos.

3) Explicar aos alunos o que é gênero narrativo, para recapitular conteúdos anteriores, mostrando nos textos exemplificados as características dos mesmos.

4) Conversar com os alunos sobre as lendas lidas e trabalhadas no material. Para avaliar seu entendimento, fazer no quadro-de-giz o confronto entre as lendas.

TÍTULO	1	2	3
Tipo:			
Características:			
Personagens:			
Lugar-espaço tempo-quando:			
Fato:			
Como:			
Por que:			

Figura 1 - Confronto entre as lendas.

5) Pedir aos alunos que leiam para a sala as lendas pesquisadas, e que estão escritas em seus cadernos.

6) Escolher uma das lendas para produzir uma paródia, em grupos de três alunos.

Observações: Caso os alunos venham a ter alguma dificuldade durante a realização das tarefas, haverá atendimento individual ou por equipe conforme for a necessidade da clientela.

CONCLUSÃO

O sonho, a fantasia tem ficado em segundo plano em nossas vidas. Muitos esqueceram como brincar com a imaginação. Só é completo o homem que sonha. As pessoas tem vivido por muito tempo buscando suas necessidades básicas materiais. O ser humano tornou-se árido e amargo. A escola precisa oferecer tempo ao homem para que ele possa reaprender a fantasiar, criar, produzir. Esta unidade de trabalho mostra toda a herança que nossos antepassados deixaram nessa área do conhecimento. Aprender, assim, será motivador e interessante, além do aluno ter contato com toda essa literatura disponível e tão pouco utilizada pelos professores hoje, ele terá oportunidade de produzir seu próprio texto e mostrar aos outros o trabalho que produziu.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BERNARDO, G. **Redação inquieta**. Porto Alegre: Globo, 1985.
- FIORIN, J. L. **Linguagem e ideologia**. São Paulo: Ática, 1988.
- FREINET, C. **O texto livre**. 2. ed. Lisboa: Dinalivros, 1987.
- FREIRE, P. **A importância do ato de ler**. São Paulo: Autores Associados/Cortez, 1982.
- PÉCORA, A. **Problemas de redação**. São Paulo: M. Fontes, 1983.
- SOARES, M. B. **Linguagem e escola**. São Paulo: Ática, 1986.